

FONTE : JB

CLASS. : Amazônia / Smiton

DATA : 07/05/89

PG. : 14 27

Pajelança ecológica em Luxemburgo

Reunião propõe 'monorail' para cruzar Amazônia

Silvio Ferraz
Correspondente

LUXEMBURGO — O ambiente não poderia ser mais propício a uma discussão aberta sobre os destinos da Floresta Amazônica: numa mansão do século 16, no vilarejo de Enscherange, encravado na maior floresta da Europa Ocidental, reuniram-se cinco embaixadores latino-americanos, vários deputados do Parlamento Europeu, representantes da Comunidade Econômica Européia, cientistas e membros da *ala clorofila* — os verdes mais verdes da Europa.

No entanto, durante dois dias só se ouviu propostas irrealistas, inviáveis e românticas. A única exceção ficou por conta do professor Gerd Kohlhepp, da universidade alemã de Tubingen, autor da proposta de a CEE subsidiar e financiar carvão mineral para ser usado pelos fabricantes de ferro-gusa no projeto Grande Carajás, evitando o desmatamento.

O embaixador Geraldo Holanda Cavalcanti, representante brasileiro junto à CEE, foi obrigado a exercícios de paciência chinesa diante das diatribes do ecologista brasileiro José Lutzenberger, que não parou de atacar o governo Sarney como origem de todos os males que assolam a Amazônia. Holanda Cavalcanti aproveitou para rechaçar com firmeza as propostas de *debt for nature* (troca da dívida externa pela preservação da natureza), lançadas por dois representantes do Parlamento Europeu. Essas propostas, porém, ainda ficaram no terreno das coisas factíveis. Mais do que a do presidente da Aquarian Agency, Christopher Seebach, que propôs cortar todo o território brasileiro e ligar os países latino-americanos por *monorails*, seguindo o curso dos principais rios. "Seria econômico, sem poluição e garantiria acesso rápido das matérias-primas dos diversos países aos mercados", justifica com candura. E os investimentos? "Criaríamos uma entidade internacional para promover a busca de fundos", respondeu, ágil.

De outro participante, o Sr. Franco, nascido na Tanzânia de mãe inglesa, hoje cidadão suíço com residência na Bélgica, o grupo ouviu a proposta de que artistas deveriam compor músicas mostrando uma visão de suas cidades no ano 2000. A reunião não faltou nem mesmo um representante da comunidade financeira: Michael Greenman, que dirige a Gaia Corp de Londres. Uma agência financeira que, segundo ele, consegue realizar aplicações no mercado com uma lucratividade de 40% — proeza capaz de fazer corar o barão de Munchausen. Seu principal foco de interesse foi a proposta da troca de parte da dívida brasileira pelo compromisso de manter a Amazônia intocada daqui para a frente.

Pressão — Românticos ou apocalípticos, o fato é que este é um grupo que vive ecologia, transpira ecologia e age coordenadamente com grande ressonância. "As indicações são de que os verdes dobrem ou tripliquem sua representação no Parlamento Europeu nas eleições de junho", observou o embaixador Holanda Cavalcanti. Edward Goldsmith, diretor do *The Ecologist*, editado em Londres, é um caso típico. Irmão de Sir James Goldsmith, que na semana passada vendeu sua cadeia de 350 supermercados Grand Union, nos Estados Unidos, por 1,8 bilhão de dólares, Teddy, como é chamado, tem no irmão um parceiro de causa. Enquanto o encontro de Luxemburgo se realizava, Sir James, em Londres, encontrava-se com a primeira-ministra Margaret Thatcher para examinar a possibilidade de a Grã-Bretanha ser autora da convocação de uma assembleia-geral extraordinária das Nações Unidas para tratar da questão amazônica.

Diante do fogo concentrado dos ecologistas sobre o Brasil e dos absurdos cruzando o ar da refinada sala do Centro Robert Schuman pela Europa, a fundação dirigida por Bernard Zamaron, que patrocinou o encontro, o embaixador do Peru, Ego-Aguirre Alvarez, preferiu encolher-se e deixar a Amazônia ser defendida no seu aspecto político-institucional pelo seu colega brasileiro. Enquanto isso, o brasileiro José Lutzenberger atraía as

atenções gerais com emocionadas intervenções e excitava alguns ecologistas. Bastou-lhe proclamar sua amizade com Chico Mendes para que, imediatamente, vários assistentes sacassem suas câmeras auto-focus para registrar flagrantes daquele espécime raro. Sentia-se o que eles pensavam: estavam diante de um Raoni branco.

Enquanto a grande lareira ardia no centro do celeiro medieval transformado em sala de reuniões, mais uma proposta para a criação de uma entidade internacional, a ser denominada Corda — do latim *cordis*, (do coração) invadia o ambiente, apresentada pelo belga Agie de Selsaten. Essa instituição compraria a dívida externa dos países latino-americanos pelo valor de mercado — um deságio de 70% em média — e o montante despendido seria rateado proporcionalmente entre os contribuintes dos países membros do Mercado Comum.

Lutzenberger pediu aos europeus o boicote às madeiras brasileiras, aproveitando para soltar uma série de informações sobre clima, desmatamento, desaparecimento de índios. O professor alemão Ger Kohlhepp interveio: "Esses dados não têm validade científica alguma. São fatos e números errados que estão adquirindo ares de verdade pela simples repetição ao longo dos anos."

O parlamentar Hemmo Muntingh, membro das comissões de ambiente e desenvolvimento do Parlamento Europeu, perguntou a Lutzenberger: "Quanto o Brasil precisaria para dar eletricidade aos fabricantes de ferro-gusa de Carajás?" A resposta veio rápida: "Cem milhões de dólares". "Nós podemos emprestar 100 milhões de dólares, o senhor pode aceitá-los?", perguntou o Muntingh ao embaixador brasileiro. Mais uma vez coube a Kohlhepp tentar introduzir uma pitada de realismo naquela salada surrealista. "Mais eletricidade para Carajás exigiria a construção de uma nova hidrelétrica na Amazônia, o que é inconveniente sob o aspecto ambiental. Temos que partir para subsidiar o carvão mineral europeu para os brasileiros, o que será ridiculamente barato", afirmou.